

Expresso

21-01-2022

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,9**

Efacec em situação difícil com atraso na venda

Fábricas mantêm-se quase paradas, apesar da entrada de €45 milhões. Negociações da DST com Governo endurecem

A bracarense DST e o Governo continuam a negociar, mas é elevado o risco de a venda não avançar. Empresa enfrenta sérias dificuldades com fábricas quase paradas sem matéria-prima, apesar da injeção de dinheiro em dezembro. **E9**



Fábricas da Efacc mantêm-se quase paralisadas, apesar do novo financiamento de €45 milhões
 FOTO: N. DA F. E. SILVA

Impasse na venda e fábricas a meio gás adensam problemas

Governo e DST ainda estão a negociar, mas **venda está pendurada e em risco**. Quase paralisação de fábricas agrava situação. O silêncio do Governo é ensurdecedor

ANABELA CAMPOS e ISABEL VICENTE

Ainda não atrairam a toalha ao chão, mas parece cada vez mais distante a possibilidade de venda da Efacc à DST. O Governo, a Parpública e a DST têm-se reunido quase diariamente nas últimas semanas para chegarem a um entendimento, sabe o Expresso, mas não está fácil chegar a acordo.

A brancurese DST está a resistir e não está a querer saltar para dentro da empresa sem assegurar a cobertura do Estado, exigindo por isso garantias que podem custar mais de €200 milhões ao erário público — uma parte para cobrir a dívida, outra para o pagamento de penalidades por atraso na entrega de encomendas. Há também já clientes portugueses, sabe o Expresso, que começaram a ver os seus projetos atrasarem-se por falta de equipamento que já devia ter sido entregue. Um deles,

A empresa tem estado a perder trabalhadores para os concorrentes. Uma bola de neve que urge travar

A empresa tem todos os meses uma despesa superior a €4 milhões com remunerações

Falha de encomendas é problemática

Apesar dos €45 milhões de financiamento que entram nas contas da Efacc em meados de dezembro, a atividade nas três fábricas de transformadores, que têm estado a trabalhar de forma muito limitada nos últimos meses por falta de material, continua a fazer-se a conta-gotas. Entre a encomenda do material aos fornecedores e a sua chegada às fábricas passam-se sempre alguns dias, não é um processo

imediatu. E o Expresso sabe que as fábricas receberiam ainda pouquíssimo material, e muitos dos trabalhadores — atualmente cerca de duas mil pessoas — continuam pouco ocupados, embora não estejam em *lay-off*.

A urgência é grande, e a entrega das encomendas aos clientes é neste momento prioritária para travar as pesadas indemnizações por falta de contratos. A DST, segundo notícia do “Negócios”, quer que o Estado assuma contingências para processos judiciais no montante de €170 milhões. A pressão tem sido forte por parte dos clientes, nomeadamente estrangeiros, que vêm projetos seus parados por causa das falhas da Efacc na entrega das encomendas.

A empresa tem estado a perder trabalhadores para os concorrentes. Uma bola de neve que urge travar

A empresa tem todos os meses uma despesa superior a €4 milhões com remunerações

apurou o Expresso, e a EDP, de quem a Efacc é tradicionalmente um grande fornecedor, inclusive em projetos no exterior. Em resposta ao Expresso, a EDP reconhece que há atrasos em projetos de mobilidade, “fruto da crise na indústria de equipamentos”, mas não identifica qualquer fornecedor.

Apesar deste contexto, que a indústria acredita que será ultrapassado a curto prazo, a EDP não incorre em qualquer penalização e encontra-se empenhada e a colaborar ativamente com todos os seus parceiros para que os avanços da infraestrutura de carregamento possam concretizar-se o mais rapidamente possível.

A dificuldade de pagamento aos fornecedores arrasta-se já desde o tempo em que a angolana Isabel dos Santos controlava a empresa, mas agravou-se com a nacionalização e, claro com os efeitos globais da pandemia. E nem a entrada de €115 milhões de financiamento já depois de junho de 2020 conseguiu resolver a situação. Os recorrentes atrasos nos pagamentos deixaram os fornecedores da Efacc de pé atrás, e já há mais de um ano que alguns deles só avançam com a entrega do material com o pagamento à cabeça.

A empresa tem estado a perder trabalhadores para os concorrentes. Uma bola de neve que urge travar

A empresa tem todos os meses uma despesa superior a €4 milhões com remunerações

assuma a gestão. É que ainda falta fazer o chamado *closing*, momento em que o comprador toma conhecimento da situação da empresa no terreno, o que poderá demorar dois meses. Notada tem sido também a ausência do acionista minoritário, José de Mello e TMG, transformados num verdadeiro *sleeping partner*.

A empresa tem estado a perder trabalhadores para os concorrentes. Uma bola de neve que urge travar

A empresa tem todos os meses uma despesa superior a €4 milhões com remunerações

DOIS ANOS DE ESTADO

Outubro de 2019 Isabel dos Santos entra na Efacc através da Winterfell Industries. É financiada por um consórcio de bancos maioritariamente portugueses (CGD, BCP, BPI, Montepio e Banco BCP) no montante de €125 milhões. Torna-se acionista maioritária.

Janeiro de 2020 Apanhada no meio do Luanda Leaks e do arresto às suas participações em empresas portuguesas pela Justiça angolana, Isabel dos Santos anuncia a venda da sua posição em janeiro. Um mês depois começa a ser negociada uma solução com a banca, mas não chega a bom porto.

Julho de 2020 Com a empresa estagnada e afetada pela pandemia, o Governo, numa decisão surpresa, nacionaliza a posição de 71,7% de Isabel dos Santos. Banca negocia com Estado um financiamento para fazer face a dívidas e pagamento de salários.

Agoosto de 2020 CGD, BCP, Novo Banco, BPI e Banco Montepio desbloquearam um financiamento de €70 milhões com garantia do Estado.

Setembro de 2020 A investidora angolana entra no tribunal administrativo com uma ação de impugnação contra a nacionalização da sua posição.

Dezembro de 2020 A reprivatização será feita por venda direta. Governo queria desfazer-se da empresa em 2020, mas processo derrapou.

Janeiro de 2021 Há um novo concurso. Candidatos terão de apresentar propostas não vinculativas até março. Há 10 interessados.

Abril de 2021 Os problemas com os pagamentos aos fornecedores mantêm-se, apesar de a Efacc ter recebido €70 milhões de financiamento. Há atrasos nas encomendas, as fábricas começam a trabalhar de forma limitada — a dos grandes transformadores fica paralisada —, a dívida cresce e as receitas caem para cerca de metade.

Maio de 2021 São escolhidos cinco candidatos, dos portugueses, a Sodécia e a DST. Entrega de ofertas vinculativas até julho.

Julho de 2021 Reprivatização termina em setembro. Só a DST e a Sodécia entregam ofertas vinculativas.

Setembro de 2021 É dado mais tempo para melhoria de ofertas.

Outubro de 2021 Sindicatos anunciam greve; denunciam a quase paralisação das fábricas, e pedem demissão da gestão.

Novembro de 2021 Só a brancurese DST entrega oferta vinculativa de compra, mas exige que o Governo garanta a cobertura de €300 milhões para dívida e indemnizações.

Dezembro de 2021 Novo empréstimo de €45 milhões com garantia do Estado é injetado na Efacc. Privatização volta a derrapar.

Janeiro de 2022 Negociações ainda duram até ao fecho desta edição. Estado e DST não se entendem face a contingências, financiamento e capital.